

COMENTÁRIO BÍBLICO

5º Domingo da Quaresma – Ano B

21mar2021

Jeremias 31,31-34; Salmo 51,12-19; Hebreus 5,7-9

S. João 12,20-33

²⁰Entre os que tinham ido a Jerusalém para adorar a Deus na festa da Páscoa, encontravam-se alguns gregos. ²¹Foram ter com Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e fizeram-lhe o seguinte pedido: «Por favor, nós queríamos conhecer Jesus.» ²²Filipe foi dizer isso a André. Então André e Filipe levaram o pedido a Jesus. ²³Ele respondeu-lhes: «Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. ²⁴Ouçam com atenção: se um grão de trigo lançado à terra não morrer, não dá fruto. Mas se morrer dá muito fruto. ²⁵Quem se ama a si mesmo, perde-se, mas quem se despreza a si mesmo neste mundo, ganha a vida eterna. ²⁶Se alguém quer servir-me, tem que seguir o meu caminho e onde eu estiver também o meu servo lá estará. E o Pai há de honrar todo aquele que me servir.»

²⁷«Neste momento, o meu coração está perturbado. Mas que posso eu fazer? Pedir ao Pai que me livre desta hora? Mas eu vim ao mundo precisamente por causa desta hora! ²⁸Pai, manifesta o teu poder!» Veio então uma voz do céu que dizia: «Já o manifestei e voltarei ainda a manifestá-lo.»

²⁹A multidão que ali estava ouviu aquela voz. Uns diziam: «Foi um trovão!» Outros afirmavam: «Foi um anjo que lhe falou.» ³⁰Então Jesus esclareceu: «Não foi por minha causa que esta voz se fez ouvir, mas por vossa causa. ³¹Chegou o momento em que este mundo vai ser julgado. Chegou o momento em que o senhor deste mundo vai ser expulso. ³²E eu, quando for levantado da terra, hei-de atrair todos a mim.» ³³Por estas palavras Jesus queria indicar o género de morte que o esperava.

1. Atentemos na leitura do Antigo Testamento de hoje, o texto do Livro do Profeta Jeremias, um dos Profetas maiores. Com base na espiritualidade afetiva que viveu, Jeremias anuncia a Nova Aliança, proclamando o que ouviu de Deus: *«Vem aí o tempo em que farei uma nova aliança com o povo de Israel e com os habitantes de Judá. (...) A nova aliança que nessa altura farei com o povo de Israel será assim: vou gravar a minha lei dentro deles, vou escrevê-la nos seus corações. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Palavra do Senhor!»* (Jeremias 31, 31-34).

Este oráculo, fundado na iniciativa divina do perdão dos pecados, concede à Lei uma nova luz, deixando de ser uma “carta” de regras e ritos puramente exteriores, para passar a ser uma inspiração que atinge o “coração” do homem (*vou gravar a minha lei dentro deles, vou escrevê-la nos seus corações*). Assim, o Espírito de Deus dará ao homem um coração novo que o fará capaz de “conhecer” a Deus. O coração – a imagem religiosa do centro da vida humana – é o elemento que Deus escolhe para nos dizer a Sua vontade (a Sua lei) e nos permitir conhecê-Lo. Jesus dá-nos bem nota disso ao tantas vezes referir o “coração” como o centro do nosso relacionamento com Deus, e das nossas decisões, vontades e intenções. Considera “bem-aventurados” os limpos de coração (S. Mateus 5,8); afirma-se “manso e humilde de coração” (S. Mateus 11, 29); aponta o coração como o lugar de onde proveem as más intenções (S. Mateus 15, 18) e os maus pensamentos (S. Mateus 9, 4); e diz-nos com clareza *«Onde estiver o teu tesouro aí estará também o teu coração»* (S. Mateus 6, 21). Numa palavra, através do Profeta Jeremias, hoje, o

Senhor interpela-nos para a necessidade de buscarmos a Deus, com a certeza de que somos Seu povo, através da nossa responsabilização pessoal face à consciência do pecado e pela interiorização (do coração) do modo de viver a nossa religiosidade.

2. Jesus responde de uma maneira singular aos que queriam conhecê-Lo: «*Se um grão de trigo lançado à terra não morrer, não dá fruto. Mas se morrer dá muito fruto.*» Apresenta-se revelando a Sua verdadeira identidade – a pequenez de um grão de trigo disposto a ser transformado pela morte para ganhar a vida e ser alimento para quem a tome. Assim nos mostra que a morte ganha sentido quando a vida tem um objetivo a alcançar, mesmo com sacrifício. E esta é a questão primordial para aquilatar da importância da nossa vida.

Há uma distinção entre ‘ser feliz’ e ter uma vida ‘com sentido’. Os psicólogos dizem-nos que ‘levar uma vida feliz’ está associado àquilo que se recebe, enquanto ter encontrado um ‘sentido para a vida’ corresponde ao que se dá. Daqui facilmente se percebe que ‘ser feliz’ e ‘vida com sentido’ não são sinónimos. Todas as pessoas querem ser felizes e conseguem-no quando alcançam aquilo que desejam. Porém, o sentido da vida só pode ser encontrado numa outra dimensão da nossa existência. Ora, é isso a que Jesus nos chama quando diz: «*Quem se ama a si mesmo, perde-se, mas quem se despreza a si mesmo neste mundo, ganha a vida eterna.*» Este ‘desprezo’ mais não é do que o ‘significado’ duma vida que se compreende e aceita para além do hoje, integrando o passado e o futuro. Jesus apela à relativização do presente, como o tempo de maturação do processo de transfiguração (salvação), perante o absoluto que nos espera. A vida que cresce em nós à medida de quanto mais se dá mais e que quanto mais se entrega aos outros mais é nossa e de Deus, porque «*Se alguém quer servir-me, tem que seguir o meu caminho e onde eu estiver também o meu servo lá estará. E o Pai há de honrar todo aquele que me servir*».

3. A partir de hoje vamos voltar aos cultos presenciais nas nossas igrejas. Como é bom participar do culto a Deus no lugar próprio e com a presença dos nossos irmãos e irmãs na fé. Na verdade, na essência do culto cristão está a comunidade – “ecclesia” significa “assembleia” – pelo que se deve procurar que esta tão importante condição se mantenha por todos os meios na prática cultural da Igreja. Tendo em mente as palavras de Jesus «*Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei Eu no meio deles*» (S. Mateus 18,20), percebemos que Jesus faz depender a Sua ‘presença’ da existência ou comparência de pessoas num lugar. Por isso mesmo, a transmissão de atos de culto por meios digitais merece uma reflexão muito cuidadosa, tantas as questões que estão em jogo. Duas, talvez as mais facilmente visíveis: (1) estudos recentes promovidos pela Conferência Episcopal Alemã sobre os efeitos da transmissão da Eucaristia por meios digitais concluíram que faz perder aos fiéis o hábito da Eucaristia dominical; (2) o culto virtual na sua habitação providencia uma prática enviesada de espiritualidade individual e exclusiva (ato de devoção virtual), tudo o que é contrário ao ensino do Evangelho. Já os cultos transmitidos via plataforma *zoom* (e, portanto, com a participação virtual de pessoas, visível e por convite) se podem admitir se forem uma dimensão da vontade da Paróquia. Convém, no entanto, que o(a) Pároco(a) acompanhe com a devida atenção e tenha o máximo cuidado para que esses cultos e orações não se transformem num produto a consumir e a Igreja numa produtora de cultos. Na vivência litúrgica nem todos os meios são justificados pelos fins. Como escreveu Frei Bento Domingues, O.P. “Não esqueçamos que a *realidade significada* pelos signos da liturgia quaresmal não depende, necessariamente, dos ritos. Precede-os e ultrapassa-os.” (*Igreja Doméstica?* Público 21fev21).

+ Fernando, Bispo Emérito da Igreja Lusitana